

Instituto Socioambiental

fonte: FSP class.: DAR00224
 data: 24/12/94 pg.: 3.5

Festa de Natal vai da aldeia ao zoológico

Índios do AM dançam na 'grande festa dos brancos'; seguranças do zoológico de SP vigiam para a preguiça não fugir

Da Redação e da Agência Folha

Não deixar a preguiça escapar, dançar o coriço, beber caxiri, ficar olhando pássaros ou misturar vatapá com churrasco. O Natal, data mais festejada em todo o mundo, vai ser comemorada dessas formas curiosas em vários cantos do país.

A tarefa de pagar a preguiça fi-

ca com os quatro seguranças do Jardim Zoológico de São Paulo que trabalham hoje à noite. A preguiça costuma sair da jaula e dar passeios pelo parque. Se fugir, o animal pode até matar uma pessoa.

Em São Gabriel (900 km de Manaus) acontecem três natais diferentes. Na margem do rio Negro oposta à cidade estão os povos indígenas, principalmente os macu, tucaino, desano, brasano e tariano.

Mesmo sem tradição católica, eles dançam e cantam na "grande festa dos brancos". Os índios macus iniciaram os preparativos da ceia há uma semana.

Os homens saíram todos os dias para caçar porcos selvagens, veados e macacos. Os macus não sabem muito bem qual o significado da data, mas querem comemorá-la.

"Parece que é festa para come-

morar o nascimento do Deus branco", contou o líder macu Valdemar Araújo da Silva.

Na aldeia dos tarianos, o cardápio escolhido foi peixe cozido, molho de pimenta e biju. Para beber será servido o caxiri, um tipo de aguardente. Eles dançarão o coriço, que comemora o nascimento e o aniversário de uma criança.

Na cidade ficam os militares,

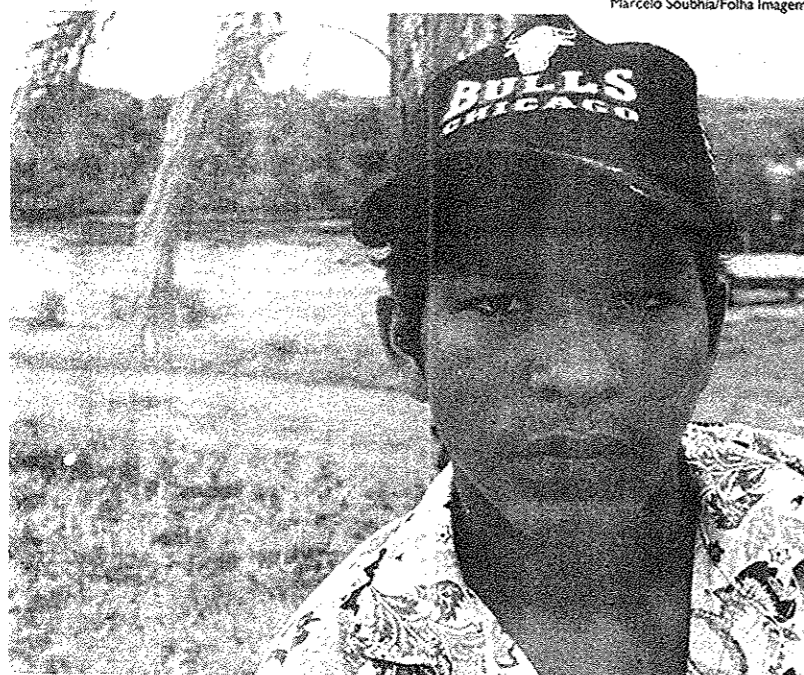
que longe da família vão fazer um jantar. Como o cardápio é feito pelos próprios soldados, vindos de várias regiões do país, há combinações heterodoxas. "Eu, que sou do Rio Grande do Norte, levo vatapá. O pessoal do Sul faz churrasco", disse o soldado Rivaillon.

No meio do rio Negro, entre os índios e os militares, há uma ilha que abriga um hotel de selva, fre-

quentado por "bird watchers" (observadores de pássaros).

Os norte-americanos Dale Birkenholz, Susan Russell, Jane Lyons e Joanne McIntyre, que estão no hotel, se preocupavam mais em acordar cedo para observar o maior número possível de pássaros. "A comemoração do Natal se tornou chata. Está muito comercial. O melhor é se refugiar na selva", afirmou Birkenholz.

Amazonas



Marcelo Soubhia/Folha Imagem

Herlis França, descendente de índios, no rio Curicuriari

Data traz 'confusão', diz índio

ANDRÉ LOZANO

Da Agência Folha,
em São Gabriel da Cachoeira

O Natal dos índios de São Gabriel da Cachoeira (AM) mistura as tradições branca e indígena.

Herlis França, 16, descendente dos índios tucanos, disse que a data traz "confusão para a cabeça".

"Não sei dizer a que raça pertença realmente e qual a maneira exata de comemorar o Natal."

A ceia terá um porco selvagem, caçado pelos homens, e será abastecida com frutas regionais colhidas pelas mulheres, como cupuaçu, abacaxi, açaí e pupunha.

Os índios macus, que moram próximos a São Gabriel da Cachoeira, passarão o Natal comendo carne de caça e consumindo epadu —um pó feito a partir da folha homônima, utilizada pelos brancos para produzir cocaína.

Neste mês, um grupo de índios convertidos ao catolicismo e praticantes assíduos da religião percorreu as casas de São Gabriel em procissão de novena de Natal.

"Somos índios e praticamos a religião católica na frente de todo mundo. No dia 25, iremos à igreja", disse o índio tucano e catequista Aprígio da Silva, 55, à frente de cem fiéis indígenas.

São Paulo



Adi Leite/Folha Imagem

João da Cunha Osório, funcionário do Jardim Zoológico

No zôo, preocupação é a preguiça

CAROLINA CHAGAS

Da Reportagem Local

Na casa do segurança Jayme Ferreira, 46, a ceia de Natal começa mais cedo. "Desde 1974 trabalho como segurança no dia 24 de dezembro", diz Ferreira. "Por isso, a ceia é antes das 20h."

Ferreira chefia uma equipe de quatro seguranças responsáveis em manter a ordem dos 32 alqueires do Jardim Zoológico das 22h de hoje às 6h de domingo de Natal.

"O trabalho é simples", afirma Raimundo Batista dos Santos, 50, segurança do zoológico há seis anos e sempre escalado para o plantão no Natal.

"Passamos a noite iluminando a escuridão com lanternas, procurando os garotos que invadem a área para roubar picolés."

De acordo com Ferreira, no zoológico há 14 natais, problemas com os bichos são muito raros. "A preguiça foge de vez em quando", conta. "Mas nunca tivemos confusões com os leões ou tigres."

"Meus filhos reclamam que nunca me viram vestidos de Papai Noel", diz João da Cunha Osório, 52. "Mas eles entendem que o meu trabalho é este mesmo e presente nunca faltou, sempre deixo embaixo da cama antes de sair para trabalhar."

Paraíba



Marlene Bergamo/Folha Imagem

Maurina Elvira da Conceição e Maria Betânia em Talhado

Ex-quilombo vai ignorar data

ADELSON BARBOSA

Da Agência Folha, em João Pessoa

Os moradores de Talhado, antigo quilombo no município de Santa Luzia (PB), dizem não ter o que comemorar no Natal pois vivem em "eterna miséria".

A água do único açude público da região está imprestável para o consumo, mas é disputada por pessoas e animais.

Trinta e cinco famílias vivem em Talhado. São 150 pessoas, quase todas negras, descendentes dos escravos que se refugiaram no local no século passado. Não há luz elétrica na comunidade.

Os moradores dependem da agricultura e da venda de panelas de barro para sobreviver.

"Os moradores daqui comemoram o Natal dormindo. Não há o que comemorar porque a fome e a falta de água é como se fosse um castigo", disse o agente de saúde Pedro Severino de Andrade, 36.

Ele afirmou que a ceia de Natal em Talhado será à base de feijão com farinha.

A moradora mais velha, Elvira Maria da Conceição, 91, diz lembrar com saudade do tempo em que assistia a missa do Natal em Santa Luzia. "Nós caminhávamos para a cidade, todos contentes para ver luzes e assistir a missa."